



Abelardo, dez anos, vive em um feudo em plena Idade Média. Gosta de desenhar dragões nas paredes do castelo e, mesmo que lhe digam o contrário, tem certeza de que eles existem. Também acredita que o pai, que partira anos antes para as Cruzadas, um dia retornará. Eis que um intrigante mapa, indicando onde viveriam as criaturas aladas, cai em suas mãos. Esse será o ponto de partida para uma aventura fantástica, que confundirá os limites entre desejo e realidade.

A LENDA DE ABELARDO • DIONISIO JACOB

sm

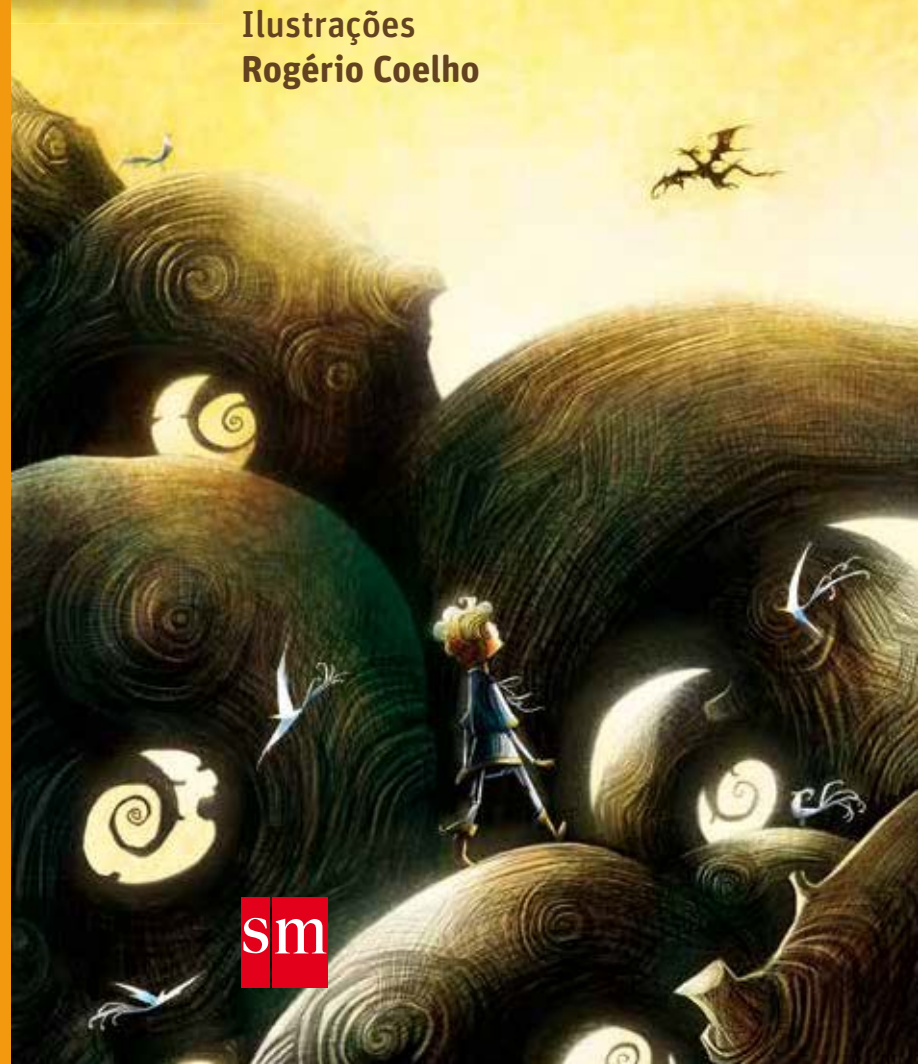


BARCO
A VAPOR

A lenda de Abelardo

Dionisio Jacob

Ilustrações
Rogério Coelho



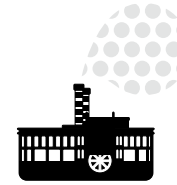
sm

1 7 4 5 3 5

ISBN 978-85-418-1630-4



9 788541 816304



BARCO
A VAPOR

A lenda de Abelardo

Dionisio Jacob

Ilustrações
Rogério Coelho



© Dionísio Jacob, 2016

Gerência editorial: Adilson Miguel

Coordenação editorial: Graziela Ribeiro dos Santos

Preparação: Olívia Lima

Revisão: Marcia Menin e Carla Mello Moreira

Edição de arte: Rita M. da Costa Aguiar

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: <completar>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Jacob, Dionísio

A lenda de Aberlardo / Dionísio Jacob; ilustrações Rogério
Coelho. -- São Paulo : Edições SM, 2016. -- (Barco a vapor :
Série laranja)

ISBN 978-85-418-1630-4

1. Ficção – Literatura infantojuvenil
I. Coelho, Rogério. II. Título. III. Série.

16-06877

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição janeiro de 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel.: 11 2111 7400

www.edicoessm.com.br

SUMÁRIO

Primeira parte: O feudo.....	7
Abelardo.....	9
Abrir as asas e voar	13
Os Felicis.....	19
A espada	24
Lianor	30
Uma ameaça constante	35
O vendedor ambulante.....	45
A feira.....	55
O torneio	63
Fim de feira.....	74
A decisão.....	83
A partida	95

Segunda parte: Hiperbórea	103
A caminhada	105
A Taverna do Dragão	110
O bosque	122
Uma terra descontínua.....	126
Vísis	134
Entendendo Hiperbórea	141
Tapadeuta Paramórfico	150
Belalo Balmersão e a gianola gigante.....	160
Um pouco de história hiperboreana.....	167
Batuques na tarde	177
Rumo às terras rochosas.....	184
Tensão no Palácio de Cristal.....	190
Granal de Mineralis	199
Nos céus de Hiperbórea	207
O rei Estupefato.....	212
Uma fuga precipitada.....	221
A mudança final	228
Despedidas	235
O reencontro.....	243
Tempo de paz.....	250

PRIMEIRA PARTE

O feudo

● ABELARDO

Lianor aproximou-se, preocupada.

— Você viu o Abel?

— Não, senhora! — respondeu educadamente Florer, o ferreiro, para a mãe de Abelardo.

Em seguida, o grandalhão gritou bem alto, para todos os que trabalhavam por ali escutarem:

— Ei! Alguém aí viu o Abelzin?

Os demais servos, ocupados com os afazeres, balançaram a cabeça negativamente.

— A senhora já perguntou lá na cozinha do castelo? Ele sempre aparece por lá na hora de assar os pães — sugeriu o ferreiro.

— Foi o primeiro lugar onde procurei, Florer.

— E na torre de menagem?

— Eu já o proibi mil vezes de ficar subindo naquela torre! — afirmou Lianor, convicta.

Mas o olhar de incredulidade que recebeu de Florer, assim como um ou outro risinho ecoando

no ambiente, levou-a a se lembrar do filho teimoso que tinha.

— Será possível que ele...

Nem terminou a frase. Saiu batendo os pés na direção da torre de menagem, a mais alta do castelo, usada como proteção e esconderijo estratégico em caso de invasão inimiga.

— Abel! — gritou diversas vezes com sua voz estridente, enquanto atravessava um canteiro de hortaliças, fazendo patos e galinhas baterem asas em grasnados e cacarejos. — Abel!

Seus piores pressentimentos se materializaram no momento em que viu uma silhueta recortada contra a janela superior da torre: era o filho audaciosamente dependurado na estreita amurada protetora. O menino segurava alguma coisa nas mãos.

— Abel! Desça já daí! — gritou Lianor.

Outras pessoas foram se aproximando: serviçais, camponeses, soldados, pastores de cabras e, claro, as demais crianças, aos gritos. Todos apontavam para cima, na direção do pequeno Abelardo.

— O que ele tem nas mãos? — perguntou alguém para ninguém em especial.

E outro alguém respondeu para quem quisesse ouvir:

— Parece um boneco!

— Não é um boneco, não! Está se mexendo...

— Abel! Desça já, senão você vai se ver comigo! — prosseguia gritando Lianor.

Abelardo era um garoto ótimo, mas tinha temperamento empreendedor e sempre inventava histórias. Quando metia uma ideia na cabeça, era como uma força da natureza. Nisso ele havia puxado ao pai.

E a imaginação, então? As paredes externas de todas as dependências do castelo estavam forradas de dragões, que ele desenhava com tocos de carvão. Adorava desenhá-los!

— Abel! Vou até aí te pegar! — ameaçou a mãe, já com a voz rouca de tanto gritar.

— É um gato! — exclamou uma mulher.

— Um o quê? — esganiçou Lianor.

— Um gato! Ele tem um gato nas mãos. Olha lá o rabo!

— Mas o que é aquilo? São asas? O gato tem asas?

De fato, havia uma estranha forma triangular nas costas do gato. De repente, Abelardo soltou o bicho no ar, e houve um coro de vozes desencontradas.

— Ele jogou! Ele jogou o gato!

O gato veio caindo, mas logo passou a planar, graças àquelas asas adaptadas a suas costas e por causa de um vento que soprava do mar. Outra exclamação coletiva, agora mais assombrada do que aflita, cortou a tarde. Ver aquele bicho planando feito um pequeno falcão era como uma miragem.

Mas na parte final o vento diminuiu e a queda acelerou. A sorte é que o gato já estava bem próximo do chão e, com grande agilidade, caiu firmemente plantado sobre as quatro patas. Foi logo cercado pela pequena multidão, que queria examinar as estranhas asas, feitas de um couro bem fino entretecido em uma estrutura de caniços flexíveis.

— Abel! Dessa vez você me paga! — disse Lianor, pondo-se a subir a íngreme escadaria que levava até o topo da torre.

● ABRIR AS ASAS E VOAR

Quando Lianor chegou lá em cima, ela já havia bufado tanto que a maior parte da raiva tinha se dispersado pelos inúmeros degraus. Ela estancou no umbral da porta com a mão na cintura, suando em bicas, puxando todo o oxigênio que conseguiu aspirar.

— Abel... vo... você... não... po... de... O ga... ga... to... não... Ah...

Sem conseguir articular mais do que uns arquejos, deixou-se tombar em um banco, com a respiração ofegante. Parecia um peixe fora d'água. Afinal, ela estava longe de ser aquela esguia adolescente de catorze anos que havia se casado com Bernardo, o pai de Abelardo. Lianor era agora mulher feita, no alto de seus vinte e cinco anos, com um filho de dez. Além disso, a responsabilidade de administrar o feudo na ausência do marido pesava em suas costas.

— Viu, mãe? Deu certo!

Abelardo estava eufórico. Ainda encarapitado na janela, acenava para baixo, certo de que havia surpreendido todo o castelo com sua experiência alada.

— Você gostou, mãe?

Lianor abriu um sorriso não muito natural e fez um gesto com as mãos para que o filho aguardasse ela retomar o controle da respiração. Por fim, levantou-se e caminhou pelo aposento a passos curtos, as mãos na cintura, de costas para Abel. Depois de inspirar e soltar o ar com força, virou-se repentinamente, com a expressão carregada.

— Você quase matou aquele gato!

— Ele está vivo! Lá embaixo!

— Por sorte! Se não fosse o vento, ele teria se esborrachado no chão!

— Mas eu esperei o vento... Eu...

— Abel! Você poderia ter matado o gato! Pensou nisso?

Abelardo olhou para a mãe com os olhinhos perplexos. Era a primeira vez que tal possibilidade lhe ocorria. Ele possuía a capacidade de jamais acreditar que uma coisa pudesse dar errado. E nisso não tinha puxado nem à mãe, nem ao pai. Era uma coisa dele, da personalidade do menino,

nascera com ele, dessas coisas que ninguém sabe explicar direito: por que uma pessoa é o que é.

— O pobrezinho poderia estar agora mesmo esborrachado lá embaixo. Já imaginou?

A imagem do gato morto atingiu Abel. Ele fez uma expressão infinitamente triste e foi abraçar a mãe.

— Desculpe...

Lianor abraçou o filho com carinho. Sabia que Abelardo não fazia aquelas coisas por maldade. O problema é que ele tinha uma imaginação fértil demais.

— E depois o quê, Abel? Você ia tentar voar também?

Pelo silêncio do filho, a mãe percebeu que a intenção final da experiência era realmente essa.

— Abel... olha para mim... Olha para mim! Gente não nasceu para voar. O gatinho era leve, ainda bem que não aconteceu nada. Mas, mesmo que faça asas imensas, você vai se esborrachar no chão. Ouviu? Ouviu bem?

Abelardo fez que sim, ainda abraçado à mãe.

— E eu não ia suportar te perder. Já basta seu pai...

— Papai não morreu, mãe! Ele está lutando.

Foi a vez de Lianor ficar quieta. Ela apenas

suspirou. Era uma mulher realista e não queria criar ilusões para o filho.

— Faz muito tempo que ele partiu, querido. As notícias que chegam não são boas...

— Ele não morreu! Eu sei!

— Está bem, está bem...

Era um tema espinhoso, que deixava Abelardo contrariado, de modo que a mãe procurou mudar de assunto. Olhando em volta, viu os desenhos de dragões que ocupavam as paredes daquele aposento. O garoto desenhava bem e fazia os bicharocos com senso de proporção e boa anatomia.

— Foi daqui que você tirou aquela ideia maluca, não foi?

— Foi! — Abel soltou a mãe e passou a caminhar pelo aposento. — Tentei fazer como as asas de um dragão.

— Abel... dragões não existem.

— Eu sei...

— Seus desenhos são bonitos, mas você precisa parar. Daqui a pouco não vamos mais ter paredes limpas. Certo, moço?

— Certo, mãe.

Lianor voltou a abraçar o filho, e os dois permaneceram em silêncio, admirando a figura de um dragão com as asas abertas, bem maior do que

os demais. Então o velho Onrico entrou no aposento, também arquejante depois de enfrentar a escadaria sinuosa. Trazia uma melancia nas mãos.

Onrico era um camponês que arrendava parte das terras e praticamente fazia parte da paisagem. Sua família vivia naquele feudo havia muitas gerações.

— Abelzin, venha cá — disse o velho Onrico, apontando para a janela.

Mãe e filho estranharam, mas obedeceram ao camponês, pois ele conhecia Abelardo muito bem. O menino confiava naquele ancião e lhe confiava seus pensamentos.

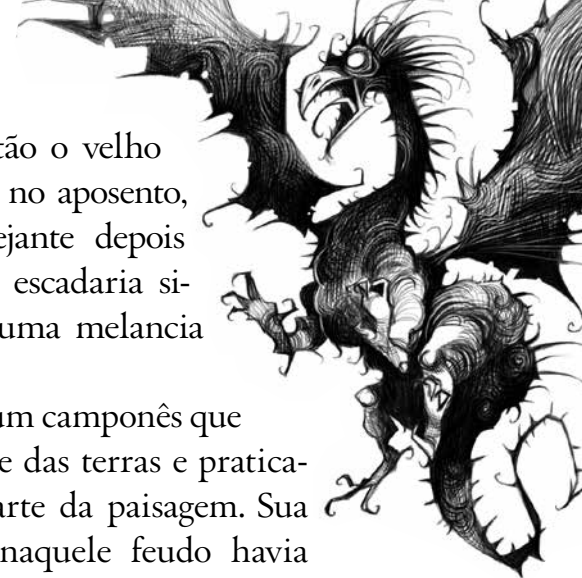
— Tome! Jogue essa melancia pela janela! — exigiu Onrico.

— Jogar a melancia? — espantou-se Abelardo.

Lianor percebeu que aquele gesto possuía uma intenção e disse:

— Faça o que Onrico pediu.

Abel apanhou a enorme melancia, foi até a beirada da janela e atirou-a. Ela caiu em uma velocidade vertiginosa, para se espatifar no chão



com um som seco, pulverizando-se em dezenas de pedaços. O solo tingiu-se de vermelho.

— Agora imagine, Abelzin, que aquilo é o corpo de uma pessoa — comentou o velho, muito sério.

Ele conseguiu o efeito desejado. Como todo ser muito imaginativo, o menino sentiu o baque concreto da melancia como um choque de realidade. Mas, em vez de comentar a respeito da própria experiência, virou-se para a mãe e gritou:

— Meu pai não morreu! — E desceu a escadaria correndo, saltando os degraus, furioso.

A mãe e o velho Onrico trocaram um suspiro profundo.

● OS FELICIS

Aquele pequeno feudo pertencia à família de Abelardo, os Felicis, havia apenas quatro gerações. Eles não faziam parte da nobreza antiga, nem eram muito ricos. Ao contrário, atravessaram momentos muito difíceis.

O tataravô de Abel, um soldado chamado Franchirus, em um ato de grande bravura, salvou a vida do rei Pepino, o Lerdo, durante uma batalha. O gesto heroico lhe custou o olho esquerdo. O pobre quase morreu e teve de usar um tapa-olho pelo resto da vida. Comovido, o rei sagrou Franchirus cavaleiro e lhe deu aquele modesto pedaço de terra, situado no alto de um morro, à beira do mar Mediterrâneo.

Assim, o corajoso soldado Franchirus Felici tornou-se nobre e iniciou uma linhagem cujo brasão era representado por um dragão. Nunca se soube ao certo por que ele escolheu tal símbo-

lo: talvez pela sugestão de força, de poder. O fato é que, embora tenha sido um valoroso soldado, Franchirus vinha de uma família de camponeses antiquíssima, cuja nebulosa ascendência remontava à era dos romanos. Gente simples, cuja origem humilde ele fez questão de contar a todos os descendentes.

Contudo, muito antes de a figura alada do dragão familiar incendiar a imaginação do tataraneto Abelardo, aquela linhagem quase se extinguiu: tão logo tomou posse de seu feudo, Franchirus viu-se às voltas com ataques de vikings, chefiados por Flosdic, o Cruel, que tentava fundar um reino mais ao sul de suas terras geladas.

As edificações do castelo, mal iniciadas, foram postas abaixo. Houve inúmeras mortes, pois o novo nobre ainda não tinha sequer uma guarda e se defendeu com camponeses armados de improviso. O rei Pepino, o Lerdo, fazendo jus ao cognome, demorou a mandar reforços, embora isso representasse o perigo de ter um reino viking instalado no litoral.

Por fim a ajuda chegou. Vários outros senhores da região também enviaram suas armadas, e os vikings foram afinal vencidos na Batalha do Peixe Podre, nome de origem obscura, referência

talvez a um suposto banquete que acabou vitimando fatalmente boa parte dos guerreiros nórdicos, incluindo Flosdic, o Cruel.

Com receio de novos ataques ou retaliações dos familiares do chefe viking, Franchirus achou por bem fortificar seu feudo, iniciando a construção de um grande muro em volta do morro. O velho guerreiro, entretanto, morreu sem ver a obra completa. Foi enterrado com pompa no campo santo, como soldado valoroso, um herói, e também o fundador de uma linhagem nobre.

A construção do castelo que dominaria o feudo, assim como o extenso muro, foi retomada por seus filhos e netos. Um deles, de nome Patricelo, viajou pelo mundo e trouxe sementes de flores e frutas de lugares longínquos, como Índia e África. O feudo tornou-se muito conhecido na região, pois tais iguarias faziam muito sucesso nas feiras. O velho Onrico era um grande cultivador dessas frutas exóticas.

Coube, porém, a Bernardo, pai de Abelardo, terminar o castelo, construindo a mestrança, onde ferreiros, carpinteiros e outros artesãos fabricavam armas, instrumentos de trabalho e também embarcações, uma vez que a proximidade do mar trazia a possibilidade de pesca e de

comércio com reinos próximos. E ainda ergueu a torre de menagem, protegida por um telhado pontiagudo, sobre o qual tremulava dia e noite a flâmula dos Felicis com o dragão alado.

No entanto, quando a obra iniciada por Franchirus encontrava seu termo nas mãos de Bernardo, o grande período pacífico chegava ao fim. Uma nova ameaça vinha das águas: agora, em vez de vikings, piratas sarracenos andavam saqueando toda a costa litorânea da região, causando grande devastação em algumas vilas. Relatos eram trazidos por pessoas que haviam perdido tudo e buscavam novos lugares para recomeçar a vida.

O pior, contudo, foi a Cruzada. O novo rei, Vivianus, o Temível, resolveu participar das Cruzadas na Terra Santa, exigindo fidelidade absoluta de seus senhores de guerra. Bernardo foi convocado e não pôde deixar de ir. Afinal, aquele feudo tinha sido dado a sua família com a confiança do antigo rei Pepino, o Lerdo.

Foi algo terrível para Abelardo, com apenas sete anos de idade, ver o pai sair com todos os cavaleiros da região e embarcar em um pequeno navio. E, três anos depois, nenhuma notícia! Ou melhor, só vinham notícias horríveis, de

combates sangrentos, carnificina, mortos aos milhares. Ninguém sabia informar que lado estava ganhando; tudo era uma grande desinformação.

Por isso Abel gostava de subir na parte mais alta da torre de menagem, para observar o horizonte, na esperança de alguma embarcação surgir trazendo notícias do pai ou, quem sabe, de vê-lo, cheio de vida, de volta para casa.

Entretanto, naquele momento, com seu reduto invadido pela mãe e pelo velho Onrico, Abel correu para seu segundo esconderijo preferido. Lianor sabia onde era e pediu para Florer, o ferreiro, ir ter com o filho. Talvez, naquele momento, o menino preferisse conversar com outra pessoa que não ela, alguém que pudesse dar ao pequeno Abel as esperanças que ela já havia perdido.